



EDUCAÇÃO FEMININA NO COLÉGIO SANTA TERESA DE JESUS: PERSPECTIVAS FOUCAULTIANAS SOBRE SEU COTIDIANO E ENSINO.

Jéssica Mylena de Oliveira Serafim¹
Cinthia Gomes Teixeira²

Resumo: O presente artigo tem como objetivo analisar, sob a perspectiva Foucaultiana, às práticas de controle, vigilância e punição, presentes no cotidiano e no ensino do colégio Santa Teresa de Jesus, destinado à educação feminina. Para tanto, utilizaremos como fonte, os relatos de memória presente no livro *“História e memórias de tempos felizes”* (2015), de autoria de Eleonora de Albuquerque Batista. Refere-se a uma coletânea organizada com história e relatos de ex-alunas, padres e religiosas da congregação, sobre a criação, finalidade e funcionamento deste colégio, assim como, exaltação da memória de importantes personagens para a história desta instituição. No entanto, às narrativas das ex-alunas sobre às normas, estratégias de disciplinarização e punição no colégio, será nosso principal ponto de reflexão, tendo em vista, que são memórias que revelam uma relação direta e afetiva com o passado, pois são lembranças pessoais, memórias individuais das experiências vividas por essas personagens no colégio, atravessada pelas tensões dos discursos e embates quanto aos modos e ideais do “ser mulher” no Crato do século XX.

Palavras-chave: Michel Foucault. Educação feminina. Disciplinarização. Memória.

1. Introdução

No século XX, como observa Santos (2010), houve uma grande preocupação com a educação feminina, coincidindo com o avanço acelerado da cidade e das mudanças em seus costumes, gerando uma complexa relação entre educação e sociedade. Dessa maneira, nos amparamos em Norbert Elias (1994), para entender que este é um contexto em que a existência de abordagens sobre a construção e a naturalização de comportamento social, são assuntos que passam pelas questões mais subjetivas do sujeito na modernidade, sobretudo, no que se refere a conduta feminina, pois como elucida Perrot (2019, p136), “a cidade é representada como a perdição das moças e das mulheres”.

Desse modo, como afirma Carla Pinsky no texto *“A era dos modelos rígidos”* (2012), as campanhas destinadas a moldar o comportamento das mulheres no Brasil que seria “moderno e civilizado” do início do século XX, partiram dos centros urbanos e encontraram eco nas menores localidades por todo o país. No Crato, interior do sul do Ceará, esse processo foi viabilizado, sobretudo, por meio de ³empreendimentos educacionais ligados à Igreja

¹ Universidade Regional do Cariri, email: serafim.jessica@urca.br

² Universidade Regional do Cariri, email: cinthia.teixeiracinthia@urca.br

³ Perspectiva apresentada pela historiadora Otonite Cortez. In: CORTEZ, Antonia Otonite de Oliveira. **A construção da “cidade da cultura”: Crato (1889- 1960)**. Dissertação de Mestrado em História (PUC-RJ). Rio de Janeiro: 2000.



Católica que pretendia orientar às mulheres quanto a uma conduta social modelo.

Em torno disso, em 1923, foi fundado pelo bispo Dom Quintino e Silva, o Colégio Santa Teresa de Jesus, dedicado exclusivamente para instrução das moças da região. Sua criação, organização e funcionamento, se fundamentava no seu uso enquanto principal suporte de aprendizagem feminina, nele eram prioritários o ensinamento sobre o lar, boas maneiras e serviços ligados à família (NORONHA, 2015). Nesse sentido, vemos que a criação do colégio Santa Teresa de Jesus na cidade do Crato, viabiliza o que vemos em Foucault (19, p.165), ou seja, uma “ferramenta de controle possível a partir da vigilância”, uma vez que o mesmo foi fundado diante da necessidade de uma instituição enquanto mecanismo de orientação e ajuste da conduta feminina no Crato.

Sendo assim, percebe-se que colégio Santa Teresa de Jesus que funcionava nas modalidades de internato, semi-internato e externato, surge como um espaço fundamental para o enquadramento comportamental feminino. Somado aos relatos das ex-alunas, presente na obra *“História e memórias de tempos felizes”* (2015), esse fato fica ainda mais evidente, sobretudo, com a existência de práticas de disciplinarização dos corpos femininos presente no cotidiano e no ensino desse colégio que garantiu a formação de moças cultas e piedosas para exercerem os papéis sociais exigidos da época (CORTEZ, 2000).

Por fim, é importante frisar que o livro se constitui como uma obra de resgate de recordações, tidas como merecedora de serem preservadas e, portanto, não se pode perder de vista que a “memória é um tanto ambígua”, como afirma Barros (2009, p.39), “não permite precisão, uma vez que envolve esquecimentos, distorções, reconstruções, omissões, parcialidades e hesitações.” Sendo necessário a problematização desses relatos, que aqui será nossa principal fonte histórica.

2. Objetivo

O seguinte trabalho buscar analisar, embasado nas noções foucaultianas, as normas, estratégias de disciplinarização e punição presentes no cotidiano e no ensino do colégio Santa Teresa de Jesus no século XX, a partir dos relatos de memória de Isabel Marlene, Madre Aurélia e Diana Pierre, ex-alunas da instituição.

3. Metodologia

Para o desenvolvimento deste trabalho, fizemos a leitura do livro *“História e memória de tempos felizes”* (2015), separamos os relatos em categorias específicas, priorizando os conteúdos relacionado a temática escolhida para o trabalho. Desse modo, selecionamos três relatos, sendo eles *“Reminiscências de uma época”* de Isabel Marlene; *“Reminiscências”* de Madre Aurélia e *“Lembranças”* de Diana Pierre. Todos baseados na presença de assuntos pré-selecionados, sendo eles: uniforme, rotina e vigilância. Desses relatos, estabelecemos uma articulação com o pensamento foucaultiano, pensando a



existência de práticas de disciplinamento do colégio Santa Teresa de Jesus, enquanto mecanismos para manter a ordem, estabelecido através do poder exercido continuamente por norma, vigilância e punição, afim de enquadrar às alunas no perfil de mulher considerada ideal.

Após identificar nos relatos essas práticas de poder e controle presente no cotidiano e no ensino do colégio Santa Teresa de Jesus, foi possível analisar a construção dessas narrativas de memória enquanto laços afetivos das experiências vivenciadas nessa instituição, suscitando problemas relacionado ao uso da memória enquanto fonte para construção da narrativa histórica sobre esse colégio, como por exemplo, o lugar de quem narra, os interesses e hesitações, sobretudo, tratando-se das punições.

4. Resultados

Com base nos relatos, foi possível observar que as alunas estavam sujeitas a normas bastante rígidas. Com relação ao uniforme, observemos

“Todas de farda impecável- saia de grenat, pregueda, de tamanho bem abaixo do joelho; blusa branca, mangas cumpridas...sapatos pretos...meias longas...umas princesinhas” (MADRE AURÉLIA *apud* BATISTA, 2015, p. 105)

“(...) Íamos para o dormitório, hora que me sentia aliviada, cansada daquela disciplina e daquelas roupas quentes e desconfortáveis, pesadas que usávamos, saia de lã pregueada, blusa de manga cumprida, meias de lã e sapatos mocacine. Camisolas longas e de mangas compridas, independente do clima.” (IZABEL MARLENE *apud* BATISTA, 2015, p.157)

Ao analisarmos esses dois relatos, fica evidente, a existência da presença de normas referente ao vestuário no Colégio Santa Teresa de Jesus, tanto como, as diferentes percepções das alunas sobre a exigência do mesmo. Portanto, faz-se necessário situar os relatos; o primeiro trata-se de uma lembrança de uma ex-aluna que narra sua recém chegada no colégio e que vem a torna-se, através da formação na congregação e no Colégio Santa Teresa de Jesus, Madre. Enquanto o segundo relato é, de uma ex-aluna que passou, somente quatro anos no colégio, tendo ingressado “em plena adolescência”.

Desse modo, não podemos perder de vista que “os jogos de linguagem, são produtores de efeitos encenativos, é preciso entender que, por mais rico que seja qualquer relato acerca das trajetórias individuais, o que mais importa é sua especificidade nas articulações com a memória coletiva (NETO, 2005, p.101)”. Fato expresso nas diferentes perspectivas apresentadas sobre o uniforme do colégio.

Pode-se dizer, pensando a partir de Foucault (1977), que a uniformização escolar, foi usado como um mecanismo normativo, permitindo o controle sobre esses corpos, assegurando a ordem e o disciplinamento no cotidiano do colégio, ou seja, foi pensado para além de um elemento próprio da escola, sendo incorporado de ideias simbólicas, como a de coibir as alunas da



vaidade, extravagância e sobretudo, de manter a aparência de recatos, exigido às jovens da época.

Um outro ponto a ser considerado é a questão da rotina e da disciplina. Notemos como funcionava a rotina

“A rotina era assim: as 05:00 horas da manhã tocava o sino, acordar, arrumar a cama, dobrar o lençol e deixar a cocha bem estirada, fazer higiene matinal. Seguir em fila para a capela, assistir a missa e fazer oração pela manhã. Depois seguíamos para o refeitório, tomar café. Às 7:00 horas tinha início as aulas, com intervalo para o recreio de 20 minutos e encerrava as 11:00 da manhã.” (IZABEL MARLENE *apud* BATISTA, 2015, p. 156)

Com essa breve descrição da rotina matinal, podemos perceber que era dividida em momentos e apesar da rotina ser bastante importante para organização da escola, é necessário salientar que era também um mecanismo de controle, já que cumprimento de atividades da rotina, como comportamento, organização e limpeza eram motivos de avaliação

“Era observado nosso comportamento, e no final de cada mês tínhamos notas de organização e polidez. (...). As notas de organização e polidez no final de cada mês eram lidas em público.” (IZABEL MARLENE *apud* BATISTA, 2015, p. 157)

Exigências de disciplina austeras. Afim de manter a ordem, até mesmo na hora do almoço, era ensinado algo

“Sempre na hora do almoço, uma freira e mestre da disciplina, lia normas de etiqueta e de como se comportar à mesa e outras noções de comportamento social como saber e entrar sair, ou seja, nos comportar de acordo com a ocasião. (...)”. (IZABEL MARLENE *apud* BATISTA, 2015, p. 156)

A rotina seguia entre os estudos, silêncio e práticas religiosas, como terços e adoração ao Santíssimo Sacramento, momentos com bastante vigilância, como até mesmo na hora do banho

“O banheiro era coletivo, com vários chuveiros, onde algumas alunas, vestidas em camisolão, eram supervisionadas por uma freira” (DIANA PIERRE *APUD* BATISTA, 2015, p.138)

Diante dos relatos, fica claro que existia o controle dos corpos e dos movimentos das alunas e quando não cumpriam a norma, eram punidos

“Outra recordação é dos castigos aplicados após as aulas, dependendo do nosso comportamento.” (DIANA PIERRE *apud* BATISTA, 2015, p.138)

Através do relato, fica claro a existência das práticas de punição. Aparecem como princípio de coerção para que sigam as exigências e respeitem as normas, pois estão submetidas a este mecanismo normalizador.



5. Conclusão

Ao finalizar nossas reflexões, diante da análise dos relatos das ex-alunas do colégio Santa Teresa de Jesus, percebemos como o ensino e o cotidiano do colégio possui diversas questões trazidas pelo pensamento Foucaultiano. Desde da sua criação, distribuição de horários, práticas disciplinares, vigilância e as punições, é possível perceber a relação de poder existente sobre as alunas da instituição. De modo como aponta Foucault (2003), o poder é algo que circula, algo que só funciona em cadeia e como vimos o colégio tinha a finalidade de modelar as alunas para cumprirem o papel esperado às moças da região. Em relação aos relatos, percebemos resistência ao tratar de alguns assuntos, sobretudo, relacionado aos modos de punição, entrelaçado ao fato da manutenção de uma narrativa histórica estabelecida sobre a eficácia do colégio, enquanto modelo e referência de educação feminina no interior do Ceará.

6. Referências

- BATISTA, Eleonora de Albuquerque. **Memória e História de Tempo felizes**. Editora A Província, 2015.
- BARROS, José D'Assunção. **História e memória – uma relação na confluência entre tempo e espaço**. In: MOUSEION, vol. 3, n.5, Jan-Jul/2009.
- ELIAS, N. O processo civilizador: formação do estado e civilização. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994b.
- FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 2003.
- _____. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 1977.
- NETO, Regina Beatriz Guimarães. **Memória e Relato Histórico**. In: Clio – Revista de Pesquisa Histórica. N. 23, 2005.
- NORONHA, Isabelle de Luna Alencar. **A revista como instrumento pedagógico: Voz de Santa Teresa (1957-1967)**. In: Revista Temas em Educação, João Pessoa, v. 24, n. Especial, p. 163-176, 2015.
- PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. Tradução Angela M.S. Côrrea. 2.ed., 6ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2019.
- PINSKY, Carla Bassanezi. **A era dos modelos rígidos**. PEDRO, Joana Maria (Org.). **Nova História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2012. p. 555.
- SANTOS, Erianalva Lopes dos. **Educação Feminina: ideias e concepções sobre a formação da mulher veiculadas na imprensa da Parahyba do Norte (1912-1927)**. João Pessoa, 2010. In: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/tede/4954/1/arquivototal.pdf>